

FLOR DE MAIO

MARIA CRISTINA FURTADO

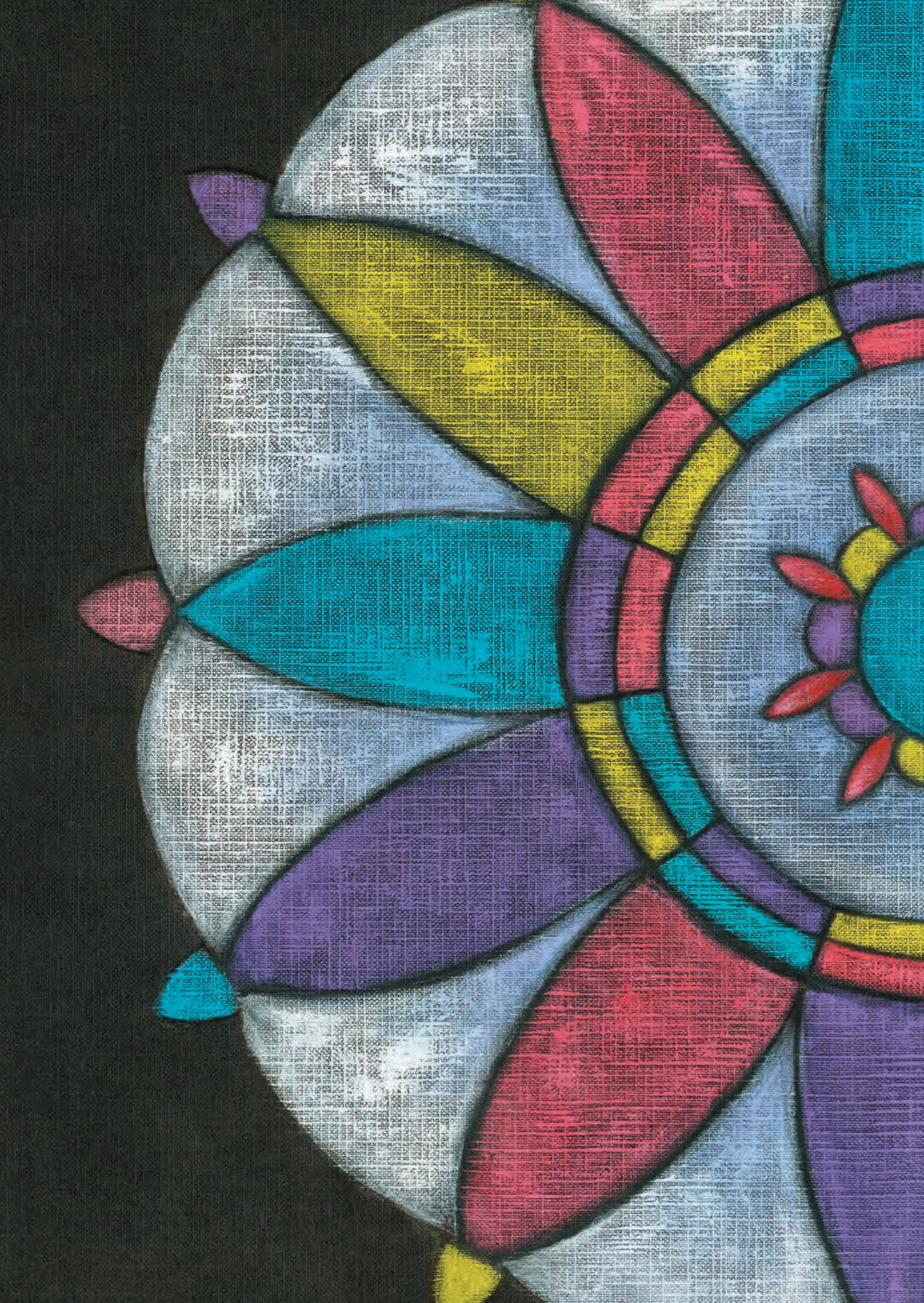
Ilustrações de ELMA



Acompanha  com músicas



Editora
do Brasil





FLOR
DE MAIO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Furtado, Maria Cristina
Flor de maio / de Maria Cristina Furtado ; imagens Elma. —
2ª ed. — São Paulo : Editora do Brasil, 2004. "Inclui CD"

ISBN 978-85-10-04152-2

1. Literatura infantojuvenil I. Elma. II. Título.

04-3363

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|------------------------------|-------|
| 1. Literatura infantil | 028.5 |
| 2. Literatura infantojuvenil | 028.5 |

MÚSICAS DO CD

- | | |
|--|--|
| 1. Introdução 0:39
BR-M3N-04/00007 | 5. Godofredo 1:38
BR-M3N-04/00004 |
| 2. Procura-se uma solução..... 1:23
BR-M3N-04/00001 | 6. Flor de Maio 1:44
BR-M3N-04/00005 |
| 3. Doutor faz tudo..... 1:23
BR-M3N-04/00002 | 7. Voa Borboleta 2:07
BR-M3N-04/00006 |
| 4. O sapo guloso 2:02
BR-M3N-04/00003 | 8. Natureza 1:54
BR-M3N-04/00008 |

© Editora do Brasil, 2004, São Paulo
Texto e música © Maria Cristina Furtado
Ilustrações © Elma

Direção-geral

Vicente Tortamano Avanzo

Direção adjunta

Maria Lúcia Kerr Cavalcante Queiroz

Direção editorial

Cibele Mendes Curto Santos

Coordenação editorial

Marisa Bianconcini Teixeira Mendes

Edição

Sergio Alves

Coordenação de artes e editoração

Ricardo Borges

Revisão de textos

Erika Caldin, Felipe Ramos Poletti e Camila G. Martins

Editoração eletrônica

Departamento de Artes e Editoração

Escanner e tratamento de imagens

Alexandre Marcos Pereira

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro, protegido por copyright, pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros quaisquer sem a permissão expressa dos editores.

O CD Flor de maio é parte integrante deste livro e não pode ser vendido separadamente.

Letra e melodia

Maria Cristina Furtado

Direção artística musical

Gilberto Luis Oliveira Suzano (Penynha)

Arranjos

Cristiane Silva Furtado e Flávia Belchior Pinheiro

Intérprete das canções

Maria Cristina Furtado

Participantes do coro

Marcos Paulo Barbosa de Faria e Aline Santos Santana

Produção, gravação, mixagem e masterização

Art Studios Produções e Gravações

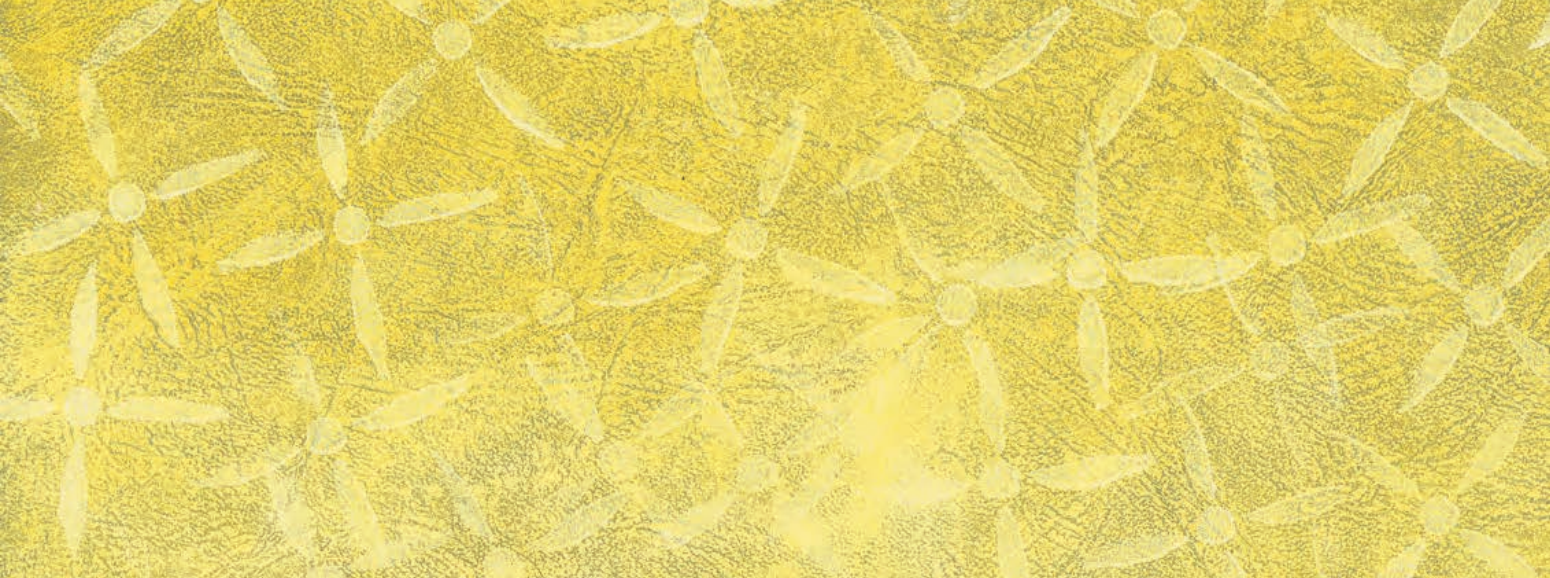
2ª edição / 9ª impressão – 2019
Impresso na Meltingcolor Gráfica e Editora Ltda.



**Editora
do Brasil**

Rua Conselheiro Nébias, 887
São Paulo, SP – CEP: 01203-001
Fone: +55 11 3226-0211
www.editoradobrasil.com.br

abdr
ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA
DOS DIREITOS
REPROGRÁFICOS
Respeite o direito autoral



MARIA CRISTINA FURTADO

FLOR DE MAIO

Ilustrações de ELMA

A beira de uma estrada, cercada de muita grama e árvores, acaba de surgir, para alegria da natureza, mais uma linda borboleta...

Entretanto, diferentemente das outras borboletas que voam ao sair do casulo, esta cai no chão e, arrastando-se com muita dificuldade até uma pedra, começa a chorar. Permanece em seu pranto por um longo tempo, mostrando grande desespero...

Por esse mesmo lugar vai passando uma formiga muito interessante, com uma fita amarela na cabeça, conjunto esportivo também amarelo, tênis e até meia amarela combinando. A formiga faz a sua caminhada matinal, mas ao ver a borboleta chorando, para, aproxima-se e lhe diz:

— Já há algum tempo, enquanto caminho, ouço seu choro... O que houve com você, borboleta? Você é tão bela... O que há?





Procurando controlar-se, a borboleta, ainda em lágrimas, responde:

— Eu... Eu... não posso voar como todas as borboletas. Na verdade, não posso fazer nada... andar... comer... viver... Poxa!... Viver...

— Por quê? O que aconteceu?

— A minha asa está quebrada. Olhe aqui, está faltando um pedacinho. Assim, ela fica mais leve do que a minha outra asa e eu não consigo me equilibrar para poder, pelo menos, caminhar.

— Coitadinha! Como é que isso aconteceu?

— Quando eu passava de lagarta a borboleta, colocaram inseticida, veneno, neste jardim. Ele não conseguiu me matar... mas a minha asa, que dó, saiu faltando um pedacinho. Pedacinho importante, que não me deixa voar...

E volta a chorar...

— Você já procurou um médico?

— Como? Se eu não posso andar... Só me arrastar como se eu ainda fosse uma lagarta... Não vê que estou morrendo? Tenho fome, sede... O que faço?





D. Formiga olha bem para ela, pensa rapidamente em algo que possa animar a borboleta e começa a cantar:

*Chorar, lamentar
não vai em nada adiantar.
Tem problemas? Vamos resolver...
Pois na vida é preciso lutar...
Lutar, lutar, lutar.
Para viver é preciso lutar,
Não se deixe abater.
Vamos juntas
à solução chegar...*

Enquanto D. Formiga canta, vai passando pelo jardim uma cigarra. Ela traz um violão pendurado no pescoço e ao ouvir a música não perde tempo, pega o violão e procura acompanhar a formiga, tocando, dançando e cantando.

A cigarra é engraçada. Usa uma roupa com tiras coloridas e uma pequena bolsa que, junto com o violão, fica pendurada no pescoço. Quando dança, suas tiras e bolsa balançam, acompanhando o ritmo da música. A borboleta começa a rir e, animada pela cigarra, passa a marcar a música com o pezinho.







Desengonçada, a cigarra dá umas reviravoltas, tropeça e quase cai. Ao procurar dançar com a formiga, a cigarra se enrola de tal maneira que as duas conseguem enroscar os pés uma na outra e caem sentadas. Diante de tal situação, todas passam a rir, a rir tanto que encontram dificuldade de conter o riso para conseguirem falar...

— Ai, ai... estou cansada — diz a formiga, ofegante e ainda rindo —, enferrujada, mas você está em forma. Apesar de ser trapalhona.

— Mas é claro, minha amiga... — responde a cigarra levantando com certa dificuldade e ajudando a formiga. — Sou uma artista. Minha vida depende da minha voz, da minha dança, do meu violão e até desse modo desajeitado que tenho. Com eles levo alegria a todos que desejam e...

— Hei... de onde você surgiu? Quem lhe deu o direito de se meter na minha música? — só então a formiga lembrou que não conhecia a cigarra.

— Eu me dei o direito, ora essa... O canto é livre, ou não é? E toda vez que eu ouço música, começo a cantar e a dançar.

As duas ficam tão distraídas conversando que esquecem da borboleta.

— Tudo isso é muito bonito, mas e eu? Vocês esqueceram de mim — reclama a borboleta. — Eu quero viver... Quero voar... como todas as borboletas fazem. Além disso, estou com fome.

A cigarra, que até aquele momento desconhecia totalmente o que estava acontecendo, pergunta baixinho para a formiga:

— O que ela tem, afinal?

As duas sentam-se numa pedra e a formiga conta tudo o que sabe para a cigarra. Preocupadas com a nova amiga, colocam-se a pensar enquanto a borboleta choramanga. De repente, a formiga tem uma ideia e animada dá um grito:

— Já sei!...

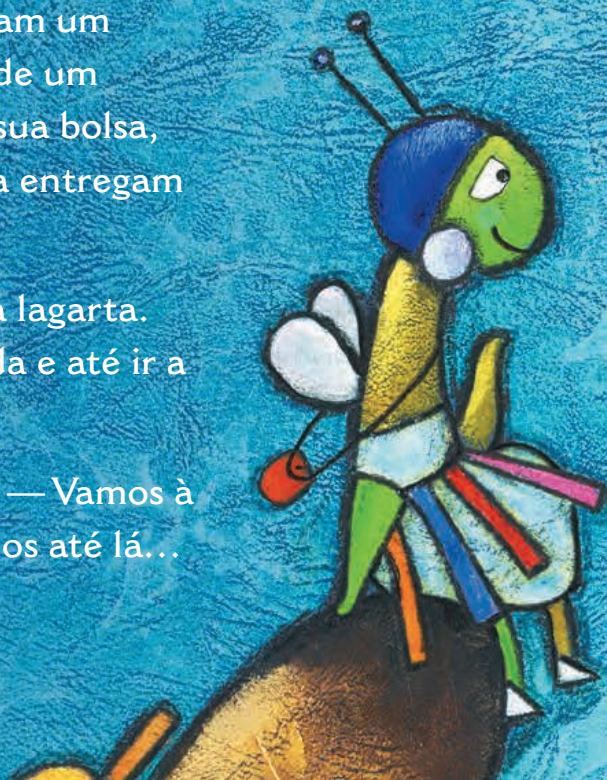
Borboleta e cigarra assustam-se, estremecendo, e desconfiadas olham para a formiga, que continua a falar.

— A primeira coisa que vamos fazer é arranjar algo para você se apoiar e conseguir andar. Em seguida vamos procurar alimento e depois... Bem, depois a gente vê.

A cigarra e a formiga iniciam, rapidamente, a procura por um pedaço de madeira. Procuram daqui, procuram dali... até que encontram um pequeno galho de árvore. Com a ajuda de um canivete de unha que a cigarra traz em sua bolsa, transformam o galho em uma muleta e a entregam para a borboleta.

— Veja... Agora você não é mais uma lagarta. Já pode caminhar, procurar água, comida e até ir a um médico — diz a cigarra, sorridente.

— É isso mesmo — afirma a formiga. — Vamos à luta... Eu sei onde tem um médico. Vamos até lá...





As três amigas caminham alegres, cheias de esperança para a casa do médico. O Sol brilha em um céu muito azul; o dia está quente, mas a única parada que fazem é para encherem as barriguinhas, principalmente a da borboleta, e beberem um pouco de água.

Ao chegarem, batem na porta, que é aberta por um gafanhoto todo de branco, jaleco, calça e sapatos. Um tipo bem diferente, que ao vê-las se apresenta:

*Sejam bem-vindas
Sou o Doutor Faz Tudo
Colo, remendo, conserto patas,
antenas e até asas...
Quem tem problemas,
faz bem em me procurar
Sou o Doutor Faz Tudo,
o Doutor Faz Tudo, o Doutor Faz Tudo...*

— Que bom, Doutor, então viemos ao lugar certo. Pode o senhor minha asa consertar?





Dr. Faz Tudo ouve a história da borboleta com muito interesse e ao final permanece alguns minutos pensativo. Franze a testa, alisa o queixo com a mão direita. Em seguida diz:

— Bem, D. Borboleta, sou médico, não sou milagreiro. Vamos ver se eu posso ajudá-la...

Começa a examinar a borboleta da cabeça aos pés. Vira, revira a borboleta, que com os olhos muito arregalados, espantada, espera o diagnóstico.

O Doutor, após o exame, coloca os óculos na ponta do nariz e muito sério fala:

— Minha querida borboleta, sei remendar, colar e até costurar, mas não tenho um pedaço de asa para colocar no lugar do que está faltando. Tampouco sei de onde tirar; assim, não posso ajudá-la.

A borboleta, muito aflita, quase chorando, diz:

— Então, eu nunca vou voar?



— Eu não disse isso. No alto daquela estrada mora um mágico muito poderoso. Eu não sei se é caso para ele... Também lá não é fácil chegar, mas as senhoras podem tentar. Seu nome é Godofredo e terá prazer em recebê-las.

— Desculpe, Doutor, mas por que é difícil chegar a esse tal Godofredo? — pergunta D. Cigarra.

Dr. Faz Tudo, usando um tom muito misterioso, responde:

— Porque Godofredo é um pouco esquisito e não gosta de atender a qualquer um. Assim sendo, ele tem um guarda que está lá para impedir que alguém o veja.

— Ué?, então não dá para entender — retrucou a cigarra. — Eu ouvi muito bem, com esses dois ouvidos que eu tenho, o senhor dizer que ele terá prazer em nos receber — e colocando a mãozinha na cintura, perguntou às amigas: — Falou ou não falou?

— Falei... Acontece, minhas três belas donzelas, que Godofredo só atende àqueles que conseguem passar pelo seu guarda. E só aqueles com verdadeira força de vontade podem conseguir. E a esses Godofredo não mede esforços para ajudar.

— Eu quero... Eu quero mesmo — disse a borboleta. — E aquilo que depender de mim, vou fazer para conseguir voar.

Animada com as palavras da borboleta, a formiga entra na conversa:

— Assim é que se fala, minha amiga. Quando queremos realmente alguma coisa, precisamos lutar para conseguir o que desejamos. Não podemos ficar esperando milagres. Temos de dar uma mãozinha para os santos...

A cigarra, que está pensativa e irritada com o que ouviu do Dr. Faz Tudo, indaga:

— Escute aqui, Dr. Faz Tudo, que não faz nada, tudo isso é muito bonito, mas diga-me que guarda é esse tão misterioso e tão difícil de enfrentar?

O gafanhoto, ainda de forma misteriosa e bem baixinho, diz:

— É um sapo.

A cigarra repete tranquilamente:

— Ah, um sapo...

Em seguida dá um grito:

— O quê?!

E o gafanhoto responde alto, claro e pausadamente...

— UM SAPO!!!

As três caem ao chão quase desmaiando. D. Formiga ajuda a borboleta a se levantar e diz muito nervosa:

— Eu sei que o sapo é útil e muito importante para os homens. Mas o senhor esquece que nós as formigas, as cigarras, os gafanhotos e as borboletas, é que somos o seu alimento? Como o senhor acha que uma artista, uma operária como eu e uma borboleta que mal consegue andar, muito menos voar, vamos conseguir passar por um... SAPO?

A cigarra, muito aflita, resmunga:



— Esse Godofredo é um louco... um doido varrido...

E a borboleta completa:

— E nós mais loucas ainda se tentarmos. Eu não posso colocar em risco a vida de vocês, só para voar. Esqueçam... Vocês já me ajudaram a andar e eu posso viver assim.

— Não!!! — dizem juntas a formiga e a cigarra.

— Você não pode desistir — insiste a cigarra.

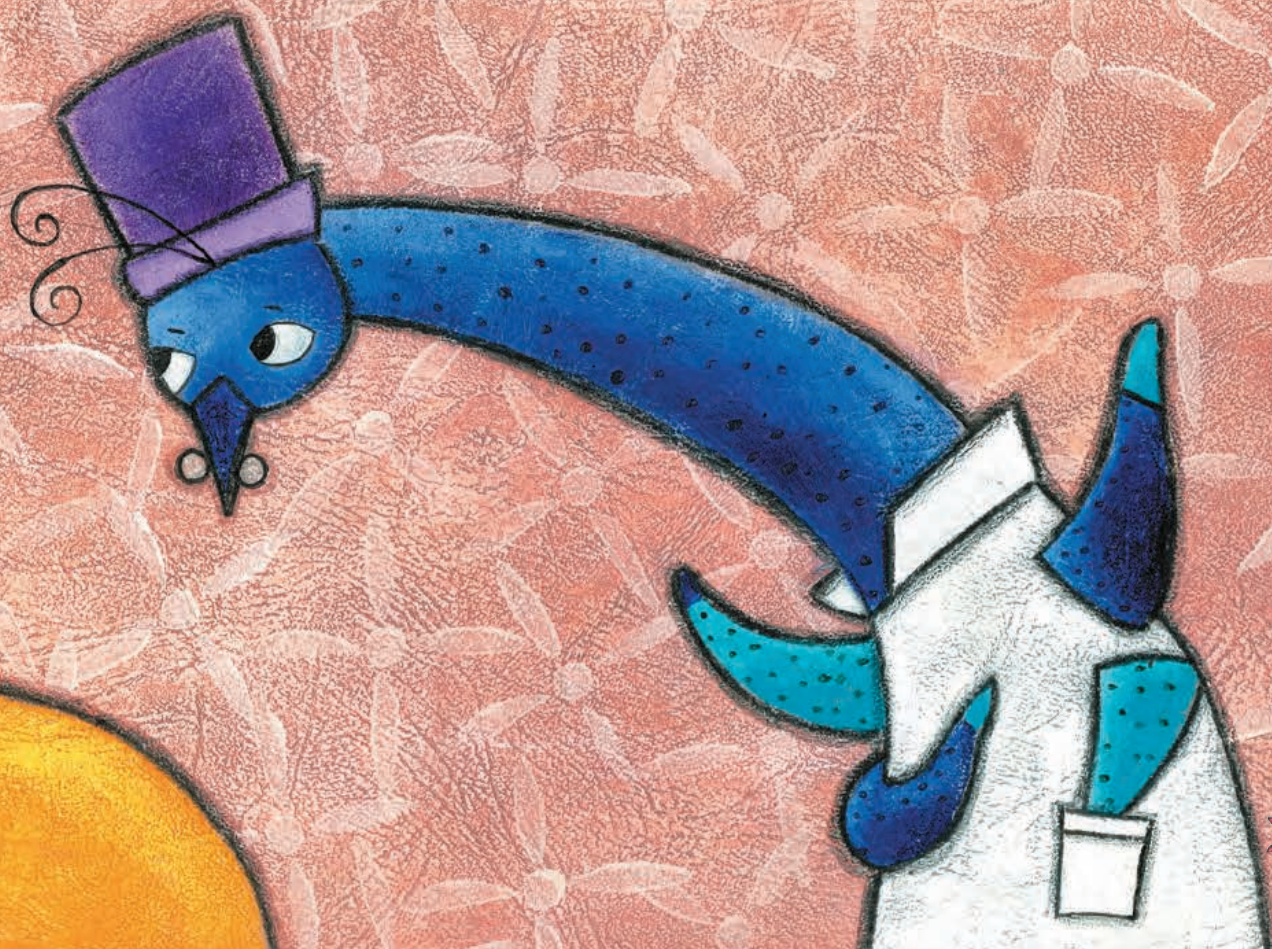
— Isso mesmo, não vamos desistir. Vamos enfrentá-lo! — afirma a formiga.

A cigarra, procurando esconder o medo que está sentindo, brinca:

— É... não vai ser um sapinho à toa que vai nos derrubar... ou vai?

O gafanhoto, querendo ajudá-las:

— Eu vou lhes dar uma dica... À noite o sapo adormece e vocês poderão passar, se não fizerem nenhum barulho e não tiverem medo... Pois, se ele sentir cheiro de medo e acordar..., devorará vocês...





— Medo?... Eu estou tremendo de medo! Ele já deve estar sentindo meu cheiro — diz a cigarra, apavorada.

— Coragem, mulher. Vamos embora. Vamos à luta! — fala a formiga, dando por encerrado o assunto.

— Boa sorte para vocês — deseja-lhes Dr. Faz Tudo.

— É... vamos precisar de muita mesmo — responde a cigarra, pensativa.

A formiga, mostrando coragem e decisão, caminha até a porta e, dirigindo-se para a cigarra, sugere:

— Dá um dó maior nesse violão. Vamos cantando para o tempo passar mais depressa.

As três iniciam a viagem, lembrando a música que a formiga ensinou para a cigarra e a borboleta.

*“Chorar, lamentar
Não vai em nada adiantar...”*

A cigarra ensaia uma dança meio maluca. Todas riem e procuram se distrair para não ficarem pensando nos perigos que ainda terão de enfrentar.

Começa a entardecer e as três caminham apressadas. Passam na estrada por todo tipo de paisagem e perigo. Lugares lindos, muito bem cuidados. Outros devastados, queimados, onde a mão do bicho homem se fez notar, destruindo a natureza. Elas ficam assustadas, mas não desistem.



Depois de muitas horas, estão as três muito cansadas, e a borboleta, cheia de dores, exclama:

— Acho que é aqui.

Olhando para os lados, a formiga diz baixinho:

— O sapo deve estar por perto.

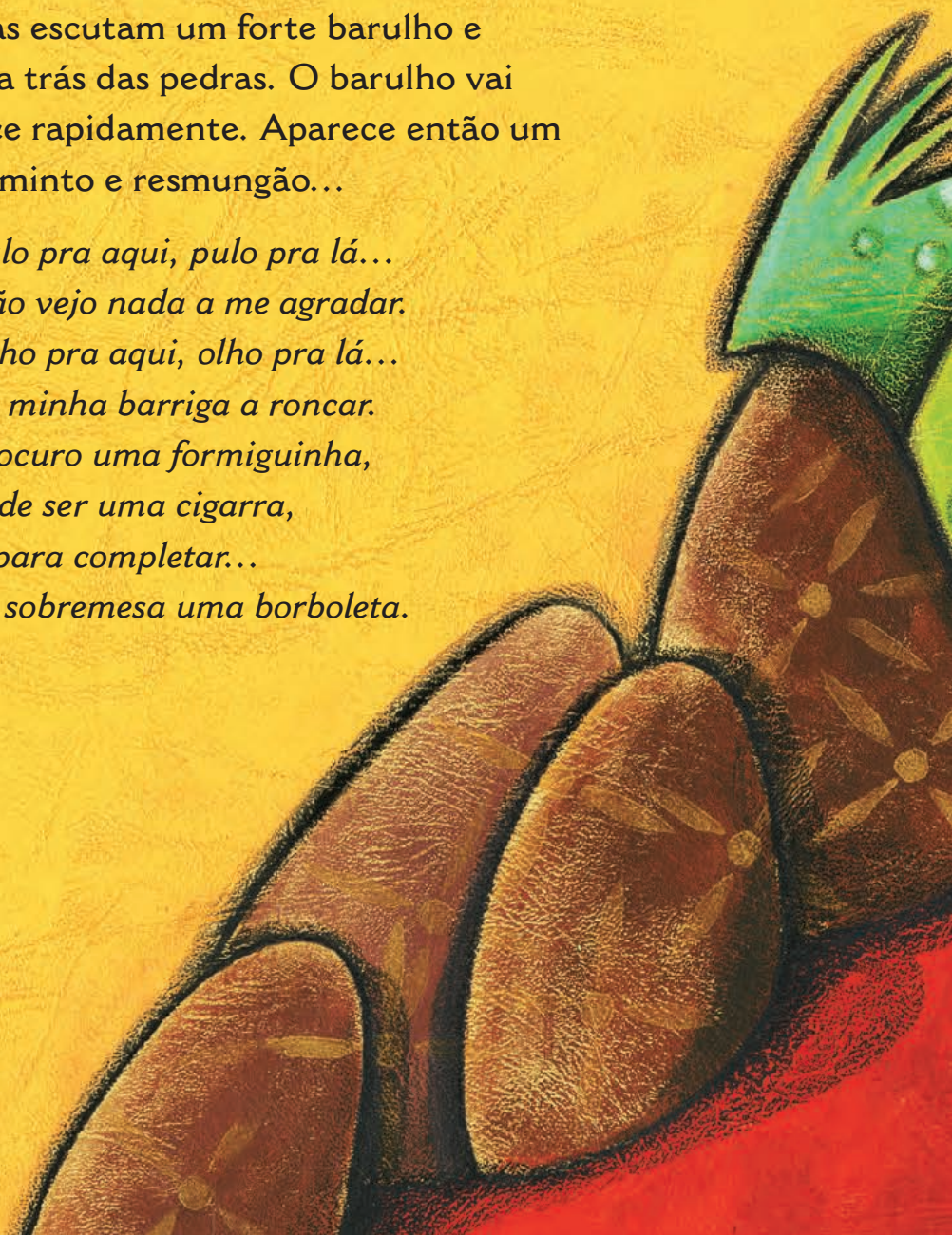
— Não sei se ele está sentindo meu cheiro, mas eu sinto cheiro de sapo — graceja a cigarra.

— Que lugar horrível! — exclama a formiga.

— Vamos nos esconder. Já está anoitecendo...

Nesse momento, elas escutam um forte barulho e apavoradas correm para trás das pedras. O barulho vai aumentando... Escurece rapidamente. Aparece então um sapo enorme, gordo, faminto e resmungão...

*Pulo pra aqui, pulo pra lá...
Não vejo nada a me agradar.
Olho pra aqui, olho pra lá...
Só minha barriga a roncar.
Procuro uma formiguinha,
pode ser uma cigarra,
E para completar...
de sobremesa uma borboleta.*





Após olhar e cheirar diversos lugares, o sapo para e reclama:

— Não vejo ninguém... — funga várias vezes seguidas. — Mas sinto um cheiro esquisito... Hum... parece uma cigarra medrosa... — olha ao redor. — No entanto não há ninguém aqui. Deve ser a fome! — esfrega os olhos e a barriga. — Acho melhor eu dormir, pois assim não sinto minha barriga reclamar.

O sapo deita no meio da estreita estrada, tornando difícilíssimo passar sem esbarrar nele. Aos poucos adormece e começa a roncar...

A borboleta levanta a cabecinha, vê que o sapo adormeceu e aproveita para chamar as companheiras, falando baixinho:

— Hei, está na hora. Ele já está dormindo...

Botando a mão na cabeça, a cigarra diz, assustada:

— Nossa!... Olha o tamanho do bicho, não podiam arrumar um sapo um pouquinho menor?

— Não faça barulho — reclama a formiga.

— Estou com medo — resmunga a borboleta.

— E você acha que minhas pernas balançam sempre assim? É tremedeira mesmo — diz a cigarra.

Procurando reagir, a formiga fala:

— Eu também estou com medo, mas isso não tem importância. Vamos vencer nosso medo.

— Eu não sabia que estava apostando corrida com o medo — ironiza a cigarra.

— Psiiu! Fique quieta! Não diga asneiras agora.

A borboleta entra na discussão:

— Eu ouvi dizer que o importante é a gente saber que está com medo e senti-lo em nosso corpo.

A cigarra não perde tempo e responde:

— Isto eu já estou sentindo há muito tempo.

— Muito bem... chega de conversa — corta a formiga. — Eu conheço um exercício respiratório muito bom para relaxar. Vamos respirar fundo... bem fundo... Agora...

As três respiram profundamente.

— Como estão se sentindo?

— Com medo... — diz a cigarra.

— Vamos lá... mais uma vez. Prestem atenção para aprender e fazer direito. Vocês inspiram e seguram um pouco o ar antes de soltar.

Tornam a respirar...

— Eu estou melhor — fala a borboleta.

A cigarra, vendo que não tem saída, diz:

— Certo meninas, eu também estou melhor, vamos enfrentar a fera!



As três, pé ante pé, procuram passar pelo terrível guarda. A borboleta, com muita dificuldade para caminhar, apoia-se nas amigas que corajosamente a ajudam.

De repente, o sapo se mexe, espreguiçando-se como se fosse acordar...

Elas se abraçam e ficam paralisadas de pavor.

O sapo, com os olhos fechados, mas ainda se mexendo, fala:

— Sinto cheiro de medo... Tem alguém aí?

A formiga, fazendo uma voz bem fininha, distante, responde:



— Não! É só a fome levando-o a sentir esse cheiro. Durma bichinho... durma...

O sapo volta a roncar... e elas prosseguem na tentativa de passar sem acordá-lo. Após muito tremerem, ultrapassam o temido guardião. E assim que se afastam e percebem-se em segurança, começam a festejar:

— Viva!... Viva!... Conseguimos!!!

Estão se abraçando, quando sentem que há mais alguém ali presente. E antes que possam se virar para verem quem é, ouvem:

— Boa-noite, senhoras...





As três gritam e tentam correr, mas como estão muito assustadas não conseguem, e voltam a se abraçar. Ao olharem para trás, veem uma coruja com uma roupa colorida, ampla cabeleira, óculos na ponta do nariz.

— Ai que susto... — diz a borboleta. — Boa-noite. O senhor deve ser...

*Godofredo, às suas ordens.
O sábio mais sabido.
O mundo não viu nada igual.
Minha vida é estudar..
Dos males ninguém chorar.
Não posso ver gente não...
Pra poder trabalhar.*

— Sejam bem-vindas... Pelo que vejo, o motivo que traz as senhoritas aqui é muito importante, caso contrário, já teriam desistido.

— Não tenha dúvida. Seu Mágico, precisamos muito de sua ajuda.

Godofredo dá uma boa risada.

— Eu não sou mágico.

— Como não é? — reage a formiga. — O Dr. Faz Tudo disse que nos ajudaria, pois era mágico.

— Não... sou um pesquisador, ou melhor, o maior pesquisador do mundo. Minhas pesquisas levam-me a descobrir muitas curas, então chamam-me mágico.



— Quer dizer que o senhor não pode curá-la? — pergunta a cigarra.

— Calma... deixe-me examiná-la. Acompanhem-me, por favor.

Todos entram na casa de Godofredo e ficam muito impressionados com o que veem. No final do corredor está uma sala enorme com uma aparelhagem que parece ser supermoderna: vários tipos de máquinas, computadores, pequenos e grandes vidros com material de pesquisa, papéis com anotações e muito mais.

Godofredo faz a borboleta se deitar numa cama e inicia o exame. A formiga e a cigarra entreolham-se nervosamente. Depois de algum tempo...

— Isto parece coisa de inseticida...

— É mesmo, Doutor!

Volta ao exame. Todos estão em silêncio, esperando a palavra final do grande pesquisador. Ao terminar, Godofredo passa a mão na cabeça e diz:

— Muito sério!... Eu não tenho nada para colocar no lugar em que está o buraco de sua asinha. Tudo é muito pesado e você não poderia se equilibrar.

A borboleta desespera-se, e chorando diz:

— Não diga isso, Doutor!... Depois de tanto sacrifício para chegar aqui. Após sonhar que poderia voar... Não diga isso, Doutor.

— Acalme-se, acalme-se. Eu tenho uma sugestão a lhe fazer. Não sei se dará certo, mas nós podemos tentar.



Há uma flor que brota no mês de maio... Suas pétalas podem ajustar-se perfeitamente à sua asinha. São muito leves e delicadas. Mas mesmo assim, não sei se você conseguirá se adaptar ao peso e voar. Porém, nós podemos tentar, se você quiser.

— Claro que quero, Doutor. Onde encontro essa flor?

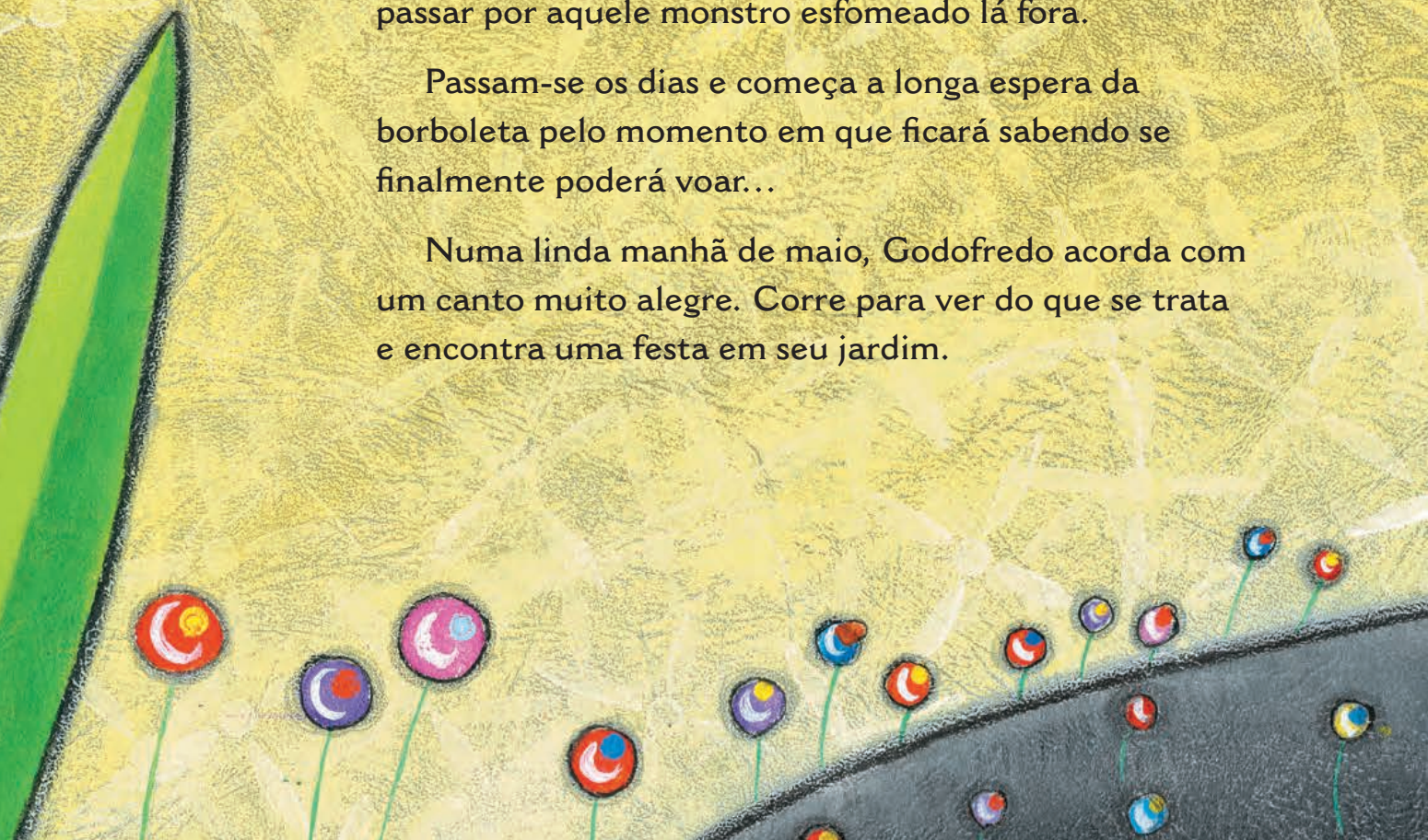
— Aqui mesmo. Dentro de poucos dias, ela começará a brotar... maio já está chegando, então faremos a experiência. Vocês podem ficar aqui se quiserem.

Antes que alguém dissesse algo em contrário a cigarra responde:

— Claro que aceitamos. Assim não precisamos passar por aquele monstro esfomeado lá fora.

Passam-se os dias e começa a longa espera da borboleta pelo momento em que ficará sabendo se finalmente poderá voar...

Numa linda manhã de maio, Godofredo acorda com um canto muito alegre. Corre para ver do que se trata e encontra uma festa em seu jardim.





As flores, junto com a cigarra, a formiga e a borboleta,
homenageiam a belíssima Flor de Maio, que acaba de desabrochar...

Ela vem chegando

Surgindo feliz.

Cheia de mistério,

Símbolo do amor.

Ignora o tempo

Pesadelos loucos

Pensa ser verão

Sorriso de ilusão.

Flores formosas

Passam a despertar

Procuram sonhos para sonhar.

No meio da festa,

estrela vigorosa,

Maio alegria, é flor, é vida.



Imediatamente Godofredo vai até a Flor de Maio, falando baixinho, explica-lhe toda a situação e esta delicadamente lhe oferece uma de suas pétalas.

Em seguida corre para a sala e prepara a mesa de cirurgia. Pega linha, agulha, vários tipos de tesoura. Analisa a pétala que tem em suas mãos. Digita alguns números e realiza muitos cálculos. Chama a borboleta, aplica-lhe uma injeção. Ela se deita e inicia-se a operação.





A expectativa é geral. Silêncio...

Godofredo trabalha, apenas parando para limpar o suor do rosto com uma toalha. D. Formiga reza e D. Cigarra anda aflita pela sala de espera...

Depois de longo tempo...

— Pronto! Acabou! Pode levantar.

A borboleta levanta-se com dificuldade.

O remendo sobressai na asa e ela caminha meio de lado.

Vão até o jardim onde a natureza parece também se inquietar pelo destino da borboleta. Godofredo aponta para uma pedra:

— Agora suba e voe...

Ela olha assustada, mas Godofredo com voz alta e firme torna a dizer:

— Tente voar, já falei...

A borboleta obedece batendo as asinhas, tentando voar, mas logo cai ao chão...

As amigas levantam-na.

— Tente outra vez... outra vez! Até conseguir. — Ordena Godofredo confiante no trabalho que realizou. — Um, dois, três, voe!

A borboleta tenta novamente voar. Quase consegue, mas torna a cair.

A cigarra muito aflita, resolve ajudar.

— Anime-se borboleta, você vai conseguir. — Virando-se para Godofredo, a formiga, diz: — Vamos ajudá-la. Falem junto comigo... Contem... um, dois, três e já...



E a borboleta neste momento sai voando, voando... quase volta a cair, mas consegue se equilibrar e voar... linda... divina.

— Veja... ela voa tortinha — observa a cigarra.

— Não importa, ela está voando — suspira D. Formiga.

Godofredo orgulhoso:

— Ela voa!... Nós conseguimos!

Todos começam a festejar, felizes:

— Ela voa!... Viva!... Viva!...

— Eu estou voando!... Eu consegui!... Obrigada, minhas amigas! Obrigada, Doutor! Obrigada, meu Deus! Muito obrigada, Senhor!!!

— Lá vai a Flor de Maio voando — diz emocionada a cigarra.





E a borboleta, feliz, começa a cantar, seguida pelos amigos que tanto a ajudaram a realizar o seu grande sonho.

*Quando você
olhar para o céu
e vir uma borboleta
lembre de mim,
da Flor de Maio,
que veio pra me ajudar...
Quando olhar...
Se enxergar alguém voando tortinha...
Não sinta pena,
dê um sorriso,
pois sou eu a voar...
Não sinta pena,
dê um sorriso.
Sou eu a me superar...*

Nasci no Rio de Janeiro numa casa em que ler e cantar sempre fizeram parte do dia a dia. Toco violão desde os 7 anos e sempre adorei ler e criar histórias. Estudei música e teatro, escrevendo e encenando muitos espetáculos, a maioria musicais infanto-juvenis. *Flor de maio* foi o meu primeiro livro a ser publicado, junto com *Viva a Liberdade*. O sucesso foi tão grande que logo vieram *Pretinho, meu boneco querido*; *Magia, o mestre dos sonhos* e *O rei leão careca*, todos da Editora do Brasil.



Sou psicóloga e professora com formação em teologia, mas gosto de me intitular “uma contadora de histórias”. Com o violão debaixo do braço, conto e canto as histórias dos meus livros. Vou a escolas, creches, hospitais... Já viajei por quase todo o Brasil e pretendo continuar este trabalho por muito tempo, agora que o *Flor de maio* está sendo relançado com novas imagens feitas pela Elma e com uma grande novidade que é o CD, com as músicas do livro.

Sou casada há muitos anos e tenho duas lindas filhas, Cristiane e Leandra. Por fim, gostaria de dizer que me considero alguém muito feliz que diariamente agradece a Deus pelo dom da vida.

Maria Cristina Furtado
mcristinafurtado@hotmail.com



Sou Elma. Nasci em Pernambuco mas fiz da Paraíba minha terra. Moro há muito tempo em João Pessoa – uma das cidades mais verdes do mundo! Estudei Serviço Social, Relações Públicas e Artes Plásticas. Sempre gostei de expressar o que sentia rabiscando, pintando, criando!

O prazer de ilustrar consiste na liberdade de criar e foi com esta liberdade que o *Flor de maio* floresceu. Flores e cores. Tudo tornou-se mágico neste mundo encantado, onde os sentimentos tocam profundamente o coração da gente.

Elma



Uma pequena borboleta está muito infeliz, pois nasceu com um pedaço a menos em uma de suas asas e por isso não consegue voar. Para tentar ajudá-la, surgem uma esperta formiga e uma cigarra tocadora de violão, que irão se unir para resolver o problema de sua nova amiga. Sua missão não será nada fácil; terão de caminhar muito e passar por estranhas aventuras para encontrarem uma solução. Apesar das dificuldades, a alegria e a esperança nunca as abandonam e dão forças para que sigam em frente. Com lirismo, a autora nos leva, nessa história repleta de solidariedade, a perceber a importância da amizade verdadeira em nossas vidas. Além de tudo, este livro é acompanhado de um CD, para você aprender as músicas que as personagens cantam em sua especial viagem!



ISBN 978-85-10-04152-2



9 788510 041522